

RODRIGO ANDRADE

Vindo do Ateliê Casa 7, de onde saíram, no final da década de 1980, os artistas Carlito Carvalhosa, Fábio Miguez, Paulo Monteiro e Nuno Ramos, Rodrigo Andrade foi o único integrante do grupo que nunca abandonou a pintura. Ao longo de sua carreira, o artista experimentou o abstracionismo e, há algum tempo, retomou a figuração, como fazia no início de sua trajetória. No entanto, as pinturas figurativas de agora e as do início da carreira têm motivações e propostas diferentes: “É quase um outro gênero, porque as pinturas de agora vieram depois de uma fase abstrata que estabeleceu um modo de fazer pintura e também porque essa retomada à figuração foi com o uso das fotografias. Quando você parte das fotografias, a relação entre as partes e os ângulos já estão dados. Na pintura ao ar livre essa relação é... livre”. As fotografias às quais se refere são registros de viagens que Rodrigo realizou nos últimos tempos. Locais com características distintas que, na mostra, aparecem agrupados em três categorias: paisagens brasileiras, paisagens com neve, e imagens de vista aérea (além de uma pintura baseada em uma fotografia feita em uma praia nos EUA). Espanha, Escócia, Chicago, norte de Minas Gerais e as paisagens urbanas de São Paulo e Porto Alegre serviram de base para as telas que formam a exposição *Pinturas de estrada*, expostas no Centro Universitário Maria Antonia.



Vista de longe, essa série impressiona pelo realismo, algo que o próprio Rodrigo reconhece no trabalho: “Eu adotei um tipo de pintura extremamente realista, algo que talvez se ligue a coisas muito antigas minhas, da adolescência, de afinidades muito primitivas que foram retomadas só agora”. No entanto, vistas de perto, outra característica se destaca: os quadros possuem uma espécie de elevação, uma camada grossa de tinta deixada de forma intencional pelo artista.

A produção desse relevo segue o princípio básico do estêncil. Rodrigo coloca sobre a tela uma máscara que delimita a área do desenho onde será aplicada a camada mais espessa da tinta e, em seguida, aplica a tinta óleo com uma espátula, alisando o material com um rodo de silk screen. Quando Rodrigo retira a máscara, a camada mais alta fica sobre a tela, formando o relevo presente nos quadros. Esse tipo de técnica influencia também na secagem da tinta: o óleo seca por oxidação e vaporização, portanto, quando se cria uma camada muito grossa de tinta, o interior permanece úmido.

Também se nota que as telas possuem algumas rebarbas de tinta nas

bordas, efeito que Rodrigo buscou ao optar por não proteger as laterais com fita adesiva. “Em alguns casos acho que as rebarbas expandem os limites das telas e explicitam a natureza material da tinta”.



A temática dos quadros retrata um “estado de viagem” que, segundo o artista, foi motivado por um de seus principais interesses. Rodrigo tem por hábito visitar museus e galerias em boa parte de suas viagens, e é na história da pintura que identifica as influências para os quadros desta exposição. Cita, por exemplo, Pieter Brueghel e o quadro “Hunters in the snow” como uma referência para sua série de pinturas panorâmicas e, principalmente, para suas pinturas com neve.



Outro fato interessante é que o pintor é um dos artistas que iniciou a carreira nos anos 1980 mais próximos da nova geração de artistas brasileiros, algo que se nota durante a entrevista quando ele cita nomes como Lucas Arruda, Rodrigo Bivar ou Marina Rheingantz. Além disso, a pintura figurativa de Rodrigo talvez esteja mais associada à desses pintores do que os de sua própria geração: “Eu tenho uma relação com o figurativo que é comum a essa geração, porque da minha geração, boa parte trabalha com abstracionismo. Há uma conversa mútua, um diálogo, o Bruno Dunley, por exemplo, pensou junto comigo a parede em que estão os quadros pequenos desta exposição”.

Por Thierry Freitas.